

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE BACHERAL EM TEATRO

CORPO RIO

Manaus – AM

2023

HERBERTH VIRGINIO

CORPO RIO

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Amazonas - UEA como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Teatro. Sob a orientação do Prof. Dr. Taciano Araripe Soares e coorientação da mestrandia Viviane Palandi.

Manaus – AM

2023



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
Criada pelo Decreto Estadual nº 21.963, de 27 de junho de 2001

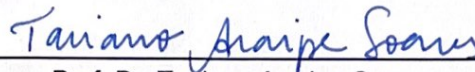


TERMO DE APROVAÇÃO

HERBERTH VIRGINIO BATISTA VIANA

O CORPO RIO

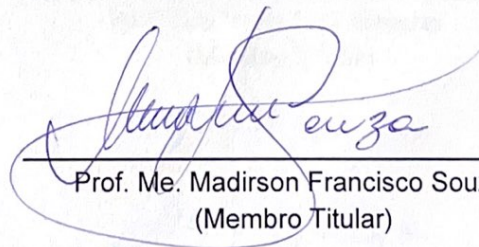
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aprovado, com nota 6,0 como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado pelo curso de Teatro da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. Taciano Araripe Soares
(Orientador)



Profª Dra. Vanja Poty Menezes
(Membro Titular)



Prof. Me. Madirson Francisco Souza
(Membro Titular)

Manaus, 31 de março de 2023

AGRADECIMENTO

Minha homenagem ao estimado Francisco Heraldo Dos Santos. (in memoriam)

As vezes a gente passa a vida buscando algo que já temos, em todo aniversário meu e do meu irmão que o Heraldo estava presente, ele nos chamava de garotos, pra mim ele sempre foi um grande amigo, percebo agora que ele também foi um grande pai. Tento pensar que na vida tentamos ser grandes arvores, para dar sombra as pessoas que amamos e alimento para quem tem fome o Heraldo foi uma grande arvore e agora eu vejo as sementes dele, nós todos nós, foi exemplo de um pai e acima de tudo um ser humano incrível, ele me conhecia por um período de sua vida, mas pra mim desde quando eu me lembro ele faz parte da minha vida, agora a única coisa que eu quero é que ele sinta orgulho de mim do meu irmão e das minhas irmãs e agora o que fica são as histórias, e recentemente fiquei sabendo que ele sempre quis ter menino, e ele recebeu dois e temos muito trabalho pra ele, mas tenha a certeza Heraldo que você tem dois filhos. Isso não é o fim é um até logo, mas espero que esse até logo demore porque agora eu estou ouvindo a tua história, mas quando a gente se encontrar de novo você vai ouvir as minhas, vou contar sobre como a Isabelle cresceu e contar como criei minha família, seguindo os teus exemplos e como um dia você disse pra mim eu vou dizer pra você também a gente vai beber junto um dia, eu acompanhei de perto sua luta esse ano toda segunda-feira quarta-feira e sexta-feira levando para clínica, nesses últimos meses a tua saudades bastante frágil, eu gostaria de dizer que o Heraldo não sentia medo, invencível, mas não ele sentia medo sofreu, mas nunca esqueceu das pessoas que o amavam, eu sei que sua voz ecoa dentro de todos nós e assim como eu ouvia histórias do meu bisavô meus filhos também iram ouvir histórias do avô deles. Muito obrigado, Heraldo, vou sentir saudade, chegar em casa não ter o jornal ligado o tempo todo ou o rádio ouvindo suas músicas ou os debates políticos quase intermináveis, vai ser difícil voltar pra casa, mas sempre vou levar você comigo pai.

Para sempre lembrado, Francisco Heraldo dos Santos

Corpo Rio

Herberth Virginio Batista Viana¹
Taciano Araripe Soares²
Viviane Palandi³

RESUMO

Através da metáfora Corpo Rio, o presente artigo apresentará meus relatos e vivências desde minha saída de Maués – AM para a capital Manaus – AM, acolhendo três dimensões: o Rio Lugar onde mora Virginio, o Rio Imaginário onde a vazante leva ao espetáculo “Eu quero ser o Rio” e por fim o Rio Encontro onde o eu mergulho em outros. Para isso a metodologia utilizada para a investigação foi a autoetnografia (FORTIN 2009), que considero importante como ponto de partida para uma pesquisa e análise, pois ao entender meu corpo/ser e minha qualidade de estar presente reconheço fragilidades e potências, e com isso integro a vivência com as práticas. Almejando um movimento que valorize minhas singularidades reconhecendo o que sou capaz de fazer/ser.

Palavras chaves: corpo rio; memoria; compartilho; teatro; vivências.

ABSTRAT

Though the Corpo Rio metaphor, this article will presente my reports and experiences since my departure from Maué-AM to the capital Manaus-AM, embracing three dimensions: the Rio Lugar Virginio lives, the Rio Imaginário where the ebb tide leads to the show “Eu quero ser o rio” and finally the Rio Encontro where the self dives into others. For this the methodology used for the investigation was autoethnography (FORTIN 2009), which i consider important as a starting point for research and analysis, because by understanding my bory/being and my quality of being present i recognize weaknesses and strengths, and with that i integrate experience with

¹ Discente do Curso de Bacharel em Teatro na Universidade do Estado do Amazonas: E-mail: virginiobatista98@gmail.com

² Orientador. Docente do Curso de Teatro da UEA. Doutor em Artes Cênicas (UFBA). E-mail: tasoares@uea.edu.br

³ Coorientadora. Mestranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: vivianepalandi@gmail.com

practices. Aiming for a movement that values my uniqueness, recognizing what i am capable of doing/being.

Keywords: body river; memory; sharing; theater; experiences.

INTRODUÇÃO

Enquanto a terra não for livre. Eu também não sou!
(Emicida e Henrique vieira,2019)

Imagem 1: Turma de 2016 UEA



Fonte: Herberth Virginio

Eu sou Herberth Virginio de Maués-AM, uma cidade que fica no Amazonas, estou aqui para trazer meu olhar de pesquisador em processo e busco caminhos que dialoguem com meu estilo de pensar e sentir a investigação proposta nesse trabalho de conclusão na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na cidade de Manaus - AM. Em 2016 comecei esse percurso na UEA e antes nunca tinha feito nenhuma aula de teatro. A partir desse momento minha vida foi para um caminho que nunca imaginei. E agora me vejo no momento de fechar esse ciclo e naturalmente olho para o passado tentando reconhecer o que aconteceu, o que mudou. Este artigo de Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Teatro, esta escrita pedia outro ritmo, por isso busquei uma mais proxima da minha relação com o rio, desde minha infância na cidade de Maués - AM, interior do amazonas, no rio maués-açu, onde passei boa parte de minha vida, até minha ida à capital, Manaus, passando pelo Rio Paraná dos ramos, Rio Amazonas, pelo encontro das águas¹ e por fim Rio Negro, o maior rio do mundo.

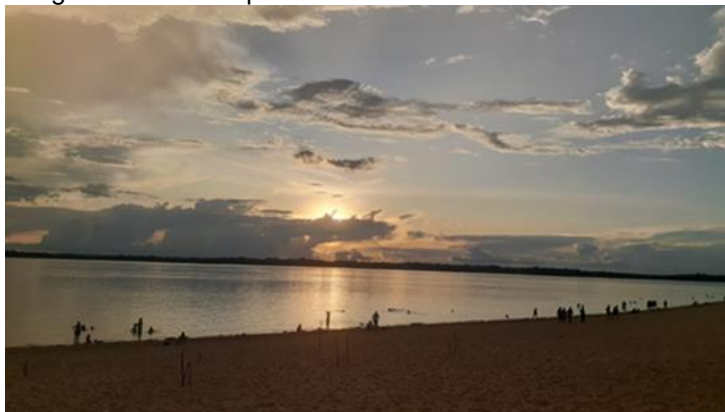
Corpo Rio nasceu da necessidade de analisar e refletir o meu olhar sobre um corpo que mergulha em experiências de vida, e aprende com elas. Para isso desdubro

em três margens, o “rio lugar’ maués-açu onde estão as águas por onde saio e volto da cidade de Maués que também aqui chamarei de Virgínio; o “rio imaginário” onde encontro as experiências, vivências e os devaneios que vivem e somem em minhas memórias, aqui também terá o nome de Eu quero ser o rio; o “rio encontro” quando criei consciência que não existe o eu separado de outros seres, sobre ser no mundo e como o mundo se relaciona comigo, nesse artigo que darei o nome de “Eu sou o rio”. Almejando um movimento que valorize minhas vivências que vão ao encontro do meu processo como artista, de Maués à Manaus, mergulho nesses rios com desejo de pertencer a essa história. Pensando um processo que está acontecendo no momento presente e não mais colocar o processo de consciência/aprendizado em um lugar a ser alcançado, tudo isso distanciando o processo que estar acontecendo agora, desvalorizando as capacidades que eu tenho, almejando um movimento que valorizem minhas vivências que vão ao encontro do meu processo como artista.

Esse artigo é como o rio, quando mergulho penso de onde vieram as gotas d'água para formar o rio. Sempre quis falar sobre meu processo como artista. mas nunca achei que seria o suficiente, hoje percebo que é tudo que tenho, ser uma gota de água para se juntar ao rio, é assim que me sinto, querendo fazer parte de um todo, do rio. Acredito que esse trabalho apesar que fale das minhas experiências, fala também de outras pessoas outros corpos rios e desejo que se sintam pertencentes de suas histórias pois vai além da certeza de fazer parte de um lugar, mas entender que cada história é importante, trazer o que é próximo de mim o que me cerca, o que faz ser eu.

O RIO LUGAR: VIRGINIO

Imagem 2: Praia da ponta da maresia em Maués - AM



Fonte: Herberth Virginio

O açú da minha terra

Quando o açú da minha terra
Com sua enorme maresia
Resolve fazer festa
É beleza, é magia
No balanço da enchente
O mundo de água se faz
Falta terra, falta gente
Lembranças de um tempo atrás
Na dança da vazante
Muitas glórias há fartura
Plantações, praia e amantes
Muitas bênçãos trazem à cura
O açú da minha terra
Da minha terra, és açú
Que traz morte e vida
É o meu rio Maués Açú

(Selma Benchaya, 2021, p.68)

O Rio Lugar, agora eu me banho junto com os meus, eu sei que de onde eu vim outros já vieram e outros virão. Apresento a você estimado leitor o rio Maués-Açu onde passei boa parte da minha vida, o berço desse autor, localizado entre a comunidade de Vera Cruz e a cidade de Maués onde o menino Virgínio nasceu e foi criado. A cidade tem origem na língua Tupí e na tradução significa curioso ou

inteligente, maué ou maue também é o nome usado para designar a nação indígena que mora na região e que significa "papagaio falante ou inteligente", sua população tem aproximadamente 65 mil habitantes não indígenas e indígenas.

Em homenagem ao meu bisavô que criou minha mãe, recebi seu nome Virginio, e falando da minha mãe, ela me criou sozinha junto com meu irmão gêmeo e minha irmã mais velha, aos 6 meses de vida fui apresentado ao rio. Um rito que ainda algumas famílias em Maués fazem com as crianças. Minha relação se tornou mais íntima com passar dos anos, eu sempre gostei de ir pro rio, mas naquela época não tinha toda uma reflexão, era simplesmente um desejo de menino, talvez agora eu esteja buscando o mesmo desejo, no entanto é no teatro que quero sentir essa satisfação.

Acredito que essa pesquisa seja reconhecer o que mudou entre os anos de 2016 a 2023, durante esses anos que passei na cidade de Manaus cursando Bacharelado em Teatro, e depois dos encontros com o orientador emancipei essa pesquisa, tornando uma parte de quem sou, misturando e revendo tudo que aconteceu e reconhecendo os lugares que passei.

O maior exercício da escrita acredito que seja mostrar o que se passa dentro dos pensamentos, para que o outro tão distante possa entender as palavras que foram escritas, depois de tantos recomeços espero que esse seja mais um. Agora vou falar quem eu era antes do teatro o curumim chamado Virginio, o início sempre vem de um desejo genuíno e no meu caso, foi de brincar no rio e para quem não sabe, curumim é como chamamos os meninos aqui no Amazonas.

A etnografia e a autoetnografia podem, desde agora, ser consideradas como métodos de pesquisa podendo inspirar a "bricolagem" metodológica do pesquisador em prática artística. Por "bricolagem" metodológica, o que Monik Bruneau chama de cenários metodológicos, eu entendo a integração dos elementos vindos dos horizontes múltiplos, o que está longe de ser um sincretismo efetuado simplesmente por comodidade. Os sentidos são aqui pertinentes integrados a uma finalidade particular que, muitas vezes, pelos pesquisadores em arte, toma forma de uma análise reflexiva da prática de campo. (FORTIN, 2009, p.78)

Através da "bricolagem" almejo relatar meu campo pessoal, para isso trago uma memória, do ano de 2011, do Virgínio de 13 anos, filho da professora Herleide da Escola Maria da Graça Nogueira. Quando eu era curumim todo dia depois da escola eu ia com meus amigos brincar na praia, um dia quando o rio estava alto nadei até

chegar numa árvore que estava dentro do rio, quando cheguei lá fiquei pulando do topo da árvore no rio; nesse momento chego um fotógrafo na lancha pedindo pra eu pular que ele ia tirar uma foto. Então fui pra ponta da árvore, me preparei e pulei, quando voltei de novo para a árvore o fotógrafo não estava mais lá; até hoje fico pensando como ficou essa foto quando minha única preocupação era o rio.

Imagem 3: Praia da maresia em Maués - AM

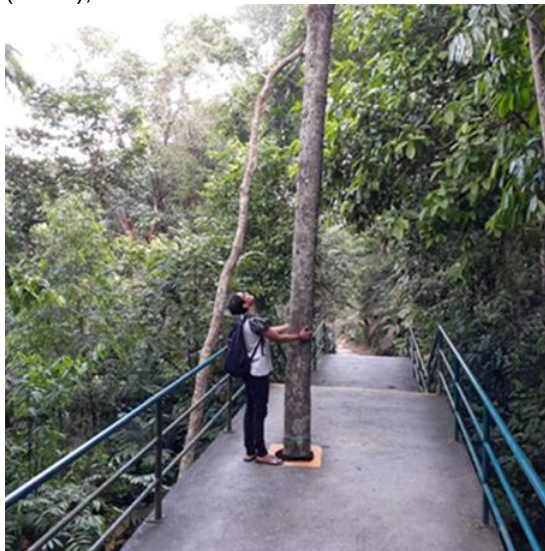


Fonte: Herberth Virginio

Em 2016 saí de Maués por ter ingressado na Universidade do Estado do Amazonas no curso de Teatro. Quando cheguei na capital tive a sensação que a cidade queria me transformar no Teatro Amazonas, por mais que ele esteja em Manaus, muito do que o compõem vem de fora. Essa sensação está refletida na imagem 4, porque tanto a árvore como eu, ocupam um espaço restrito, mas mesmo assim continuam sendo grandes e de alguma maneira me conectei com ela (árvore) pois, representa como me senti nesse espaço chamado Manaus. O curumim que costumava correr livre na praia, agora precisa se encaixar assim como aconteceu com a árvore, mesmo que habitemos uma das maiores florestas do mundo ainda nos sobra pouco espaço, habitualmente as pessoas que moram aqui em Manaus ignoram toda a natureza viva que nos cerca e faltam com respeito com o meio ambiente e sinceramente não consigo me acostumar com isso. Aprendi a valorizar a vida verde

que me cerca assim como minha tia vó que plantava arvores mesmo sabendo que não ia desfrutar de sua sombra, esse costume na minha família ainda permanece.

Imagem 4: Museu do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA), Manaus – AM.



Fonte: Rayane Coelho

Refletir minha trajetória é uma busca de voltar pra casa do Virginio, mesmo sabendo que ela não existe mais como eu lembro, mas entendi que existe em minhas memórias, como isso no próximo tópico, o “Rio Imaginário”, analisarei o processo do espetáculo “Eu quero ser o rio” e como isso influencia na minha trajetória como artista. Damos pouco valor ao imaterial: as experiências de vida, os pensamentos, as vivências mais sentidas e verbalizada, as histórias passadas pelas gerações, aqui buscarei dar a importância necessária a tudo que me foi passado e confiado, para permanecer viva. Na minha cidade, em sua maioria, foi fundada pelo povo indígena Sateré mawé⁴, que tem o Ritual da Tucandeira que é um rito de passagem, onde os meninos colocam a mão em uma luva de palha trançada cheia de formigas tucandeiras, insetos conhecidos como “formigas-bala”, porque a dor da ferroada é comparável a um ferimento por arma de fogo, chegando a durar 18 horas, e frequentemente acompanhada de náuseas e vômito.

⁴ Sateré Mawé é uma etnia indígena presente na Amazonia que fundou a cidade de Maés-AM

Os meninos tentam não expressar agonia, pois apenas aqueles que suportam a dor são considerados aptos para a transição da infância para a vida adulta, mas no decorrer da vida vai ser repetido 20 vezes. No meu caso o rito de passagem da infância para a vida adulta foi sair de Maués e viver o teatro em Manaus, trocar o lugar onde tinha o conforto de estar em casa com a família e amigos, o lugar de ser criança de ter pessoas próximas para ajudar, para o lugar onde respirar dói o peito, o ar com cheiro de poluição, onde a vida verde destruída é comum. Antes todo dia eu nadava e agora me resta um rio de asfalto com igarapés soterrados. Acredito que todos nós temos e passamos por uma experiência que nos faz amadurecer, como diria meu bisavô Virgínio Rodrigues, "ser gente grande".

Como diz Braga (2008, p.211) "ter consciência corporal é reconhecer o corpo em sua totalidade, é possibilitar a vivência da corporeidade", agora eu apresento o que eu acredito ser o corpo/Virgínio que eu considero como a pele e o corpo/Rio fosse a alma e como isso mudou quando comecei a fazer teatro e graças a isso consigo falar da minha poética com o rio e tudo que estar sendo apresentado aqui. O corpo/Virgínio é refém do tempo e vai mudar mesmo sem minha vontade e com isso vou me adaptar para as minhas limitações em quando o corpo/rio vai ficando cheio de experiências aprendemos lidar mais com os conflitos que aparecem no decorrer da vida. Falando sobre tempo, acho interessante pensar que aprendemos com livros e conteúdo do passado, mas ignoramos o nosso próprio passado e tudo que tem para nos ensinar, e nesse sentido temos um certo distanciamento das vivências que poderiam ajudar a entender melhor as nossas experiências e quem somos. E pensando sobre isso percebi que tinha uma resistência de aceitar minha história, acredito que esse artigo seja o momento de compartilhar os acertos e principalmente os erros dessa trajetória do menino de Maués-AM que foi fazer teatro em Manaus-AM.

Esse compartilhar me alcança sobremaneira, porque é nele que nascem as pulsões que me fazem caminhar. Eu vejo um país que em sua desigualdade manifesta uma separação invisível, velada, sobre formas e lugares de pesquisa em arte. Por isso a pesquisa aqui se dá entre outras questões, como um ato de emancipação pessoal e de minha geografia. (SOARES, 20221, p.21)

Eu sei que esse é um lugar bastante individual, mas, eu espero de você leitor, que mergulhe comigo nas águas da minha história. Graças a minha banca de qualificação a pesquisa é a favor da minha poética com o rio, como o professor Wellington⁵ falou, e repito aqui, não pedirei desculpas ou permissão para falar a minha história. Parafrazeando meu amigo “Mario Geraldo”⁶ o meu nome Virgínio carrega toda minha biografia. Eu morei em Maués - AM 17 anos, estou em Manaus - AM há 6 anos, quando sai da minha cidade eu não sabia o que poderia acontecer comigo, mas sabia que tudo ia mudar, como o velho ditado dizia, “só se mergulha no mesmo rio uma única vez”, agora eu não sou mais o mesmo menino e o rio também não é mais o mesmo, no próximo tópico apresentarei “Rio Imaginário”, onde o desejo de ser o rio cria forma de um espetáculo “Eu quero ser o rio”. Quando queremos pegar água com as mãos temos um limite, mas com uma base firme e o material certo podemos conseguir mais água, no momento só tenho capacidade de pegar com as mãos, espero que seja o suficiente.

Imagem 5: Maués-AM



Fonte: Herberth Virgínio

⁵ Professor da Universidade do Estado do Amazonas. Mestrado em Direção teatral no RITCS School of Arts/Erasmus Hoggeschool University em Bruxelas- Bélgica. Especialização em Docência para o Ensino Superior no Centro Universitário do Sul de Minas Gerais-UNIS/MG.

⁶ Mário Geraldo professor-doutor formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-Doutor em Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG.

O RIO IMAGINÁRIO: EU QUERO SER O RIO

Imagem 6: apresentação do espetáculo “Eu quero ser o rio”.



Fonte: Raiana Prestes

Estava procurando um lugar para me (re)encontrar, talvez por isso eu olhasse tanto para o pôr do sol em Manaus-AM, para que de alguma forma me transportasse para o pôr do sol na praia em Maués-AM. Me sinto fora do meu território, o lugar de onde eu vim não é mais o mesmo, agora busco em mim o Virginio. Como diz Soares (2021, p.26) “somos o resultado de uma construção externa que opera sobre nós a transmissão correspondente a uma expectativa alheia sobre tudo aquilo que nos identifica como indivíduos” e isso hoje faz muito sentido para mim, porque sempre bati no peito para dizer quem eu sou, mas agora percebo que nunca tive essa escolha, apenas me resta reconhecer o que me construiu como pessoa, e tenho muito orgulho das minhas raízes.

Rio Imaginário que emerge em outros rios, onde o corpo/rio cria forma e percebo que é onde encontro as experiências e vivências, onde os devaneios vivem e somem na minha memória. Agora estando em Manaus - AM as pessoas me chamam pelo meu primeiro nome Herberth e por um tempo foi bem estranho, e me reconhecer em Manaus foi mais estranho ainda; reconhecer quem sou e também minha trajetória tive que passar por esse estranhamento para chegar no processo do “Eu quero ser o rio”, como diz Fortin (2009,p.78) “os projetos de aprendizado da prática artística, quer

se trate do seu ou de um outro artista, ocupam o estúdio, o atelier, a aula ou a comunidade. Considero estes lugares como campos da prática artística” e esse processo ocupou e ainda ocupa todos os âmbitos da minha vida.

Apresento agora as etapas do percurso do espetáculo “Eu quero ser o rio”, que nasceu como um processo cênico em 2018 na matéria de expressão corporal II para uma avaliação final da graduação de teatro na Universidade do Estado do Amazonas – UEA. No início eu queria falar um pouco de como foi sair de Maués e morar em Manaus. Quando fui para a sala de ensaio para experimentar minhas vivências, de forma mais visível, não consegui colocar em palavras apenas em ações físicas, jogando meu corpo no chão, me colocando num lugar de risco, para demonstrar o impacto que eu sofri com essa mudança, como é estar fora do seu território, fora do seu lugar. Sei que parece estranho porque “apenas” sai do interior e fui pra capital, mas estar em Manaus - AM foi uma experiência única pois, estava longe de casa, fazendo algo que não tinha a menor ideia do que poderia acontecer, e isso me entrar em conflito.

Imagem 7: Cena do espetáculo “Eu quero ser o rio”



Fonte: Raiana Prestes

Com o tempo fui amadurecendo o processo do espetáculo, principalmente reconhecendo a importância dele, pois eu não tinha que buscar as referências fora, em outro lugar, eram minhas experiências como artista e vivências pessoais, a minha verdade, meu olhar sobre o mundo e por causa disso fico refletindo sobre qual artista eu sou, e quais são as vivências que vou falar, era o momento de olhar para dentro. “Eu quero ser o rio” é um compartilhamento de uma saudade, um afeto, um lugar, uma

memória, me sinto bem em falar que sou do interior, e creio ser importante ter esse olhar artístico para expressões que vêm do interior como uma história simples, de uma vontade de ser o rio. Entendo que são necessárias muitas gotas para ser rio, e eu não sou diferente, precisei acumular experiências, para ser quem sou, para um dia ser rio.

Imagem 8: Primeira apresentação do “Eu quero ser o rio” para o público



Fonte: Grupo Jurubebas de Teatro

A partir das apresentações do experimento “Eu quero ser o rio” entendi que precisava de um novo passo, principalmente por causa das quedas não estava mais aguentando os machucados, e tinha muitas mais coisas para serem ditas que vão além das dores da mudança e sim sobre tudo que faz eu ser quem sou: um menino do interior. Tenho consciência que outras pessoas que são do interior assim como eu vai para Manaus-AM ou outra capital em busca de uma qualidade de vida melhor.

Eu percebi que essa história também era de outras pessoas porque depois da primeira apresentação do experimento “Eu quero ser o rio” que aconteceu no Centro Cultural Usina Chaminé na mostra de monólogos do Grupo Jurubebas e ter o retorno nas falas do público que se sentiu representado de alguma forma eu percebi que o processo poderia se tornar um espetáculo.

Depois dessa primeira versão do experimento “Eu quero ser o rio”, senti necessidade de uma direção, pois sozinho não alcançava todo potencial que o processo necessitava. Convidei o diretor Francis Madson⁷ que foi essencial para o

⁷ Doutorando no PPGAC - UDESC, Mestre em Ciências Humanas - (Teoria, História e Crítica da Cultura) - PPGICH UEA. Pós-Graduação em Gestão e Docência do Ensino Superior. Bacharel em Dança pela Universidade do Estado do Amazonas e Licenciatura em Teatro pela UnB. Conselheiro de Cultura - Teatro - Circo. Diretor e Autor da Soufflé de Bodó Co. (AM) e Cia. Boi de Piranha (RO). Já desenvolveu trabalhos com a Cia. Cacos, Cia. De Intérpretes Independentes (bailarino e diretor), Cia. De Teatro Fiasco (Ator e Diretor), Artrupe Produções (Diretor), CDA (Companhia de Dança do Amazonas), GandhiCats Projets, Lucilene Castro. Os eventos FALD (Festival de Dança do Amazonas), Gororobas das Artes, Dabacuri das Artes, Festival Breves Cenas de Teatro, BR - CLOWN e Vazio- Festival de Performance, Circulação de Guerrilha, Sesc - 52, Pan - Potências das Artes do

amadurecimento da obra, em um dos ensaios Madson disse que eu não tinha muita experiência com teatro e entendi que na verdade não conseguia colocar no corpo o que existia apenas em minha memória, então percebi o quanto eu tinha mudado.

No início da construção do espetáculo tive bastante dificuldade de expressar minhas vivências, e isso não teve nada ver com a direção, mas sim com meu distanciamento da minha cidade de origem. Aquele curumim Virginio agora é o acadêmico Herberth, o corpo, as manias, o jeito de ser e o modo de falar mudaram, não sentia Maués em mim e todas minhas raízes estavam distantes. Por isso, eu e o diretor, decidimos que era importante eu tentar me reconectar com o curumim de Maués, isso fez eu conhecer a comunidade Jandira-AM localizada na AM-070 km 12 próxima da cidade de Manaus-AM onde o diretor Francis Madson tem um espaço com o nome de Jandira Theater que está em frente ao rio e lembrava bastante as comunidades perto de Maués-AM e me reconectar com calmaria do interior e ficar observando o rio fez eu relembrar as minhas memórias de Maués-AM. Na semana seguinte fui com o Grupo Jurubebas⁸ para a cidade de Presidente Figueiredo – AM que fica 107km da capital, e lá me conectei com as águas e nadar nas cachoeiras e por último, uma semana depois ainda com o grupo fui conhecer a comunidade de Iranduba, situado à margem esquerda do Rio Solimões, está conectado à capital amazonense através da Ponte Jornalista Phelippe Daou, encontrando pessoas do interior assim como eu, e isso sem falar das comunidades que passamos no trajeto até chegar nesses lugares: as paisagens lindas e a harmonia das pessoas com a floresta.

Norte, Menor Festival de Ópera do Mundo, Pensamento de Perto (Canal no Youtube), Conexão Norte (Perfil no Instagram), Festival de Teatro do Amazonas, Mostra de Teatro do Amazonas e PanPlay.

⁸ Grupo Jurubebas de Teatro tem atividade artística bastante presente na cidade de Manaus-AM desde 2016 até hoje.

Imagem 9: Comunidade de Iranduba - AM



Fonte: Herberth Virginio

Agora o experimento se torna um espetáculo, o processo continuou sem fala verbalizada apenas o corpo com alguns materiais em cena, no caso, pernas mancas que balançavam e dançavam comigo durante o espetáculo, mas essa versão nunca foi apresentada. No ano de 2019 o processo foi interrompido pela COVID 19 e retornou em 2020 quando o Grupo Jurubebas conseguiu a aprovação do edital da Lei Emergencial Aldir Blanc⁹ pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Amazonas, dando assim continuidade ao processo, que já estava mais consciente das vivências que foram pra cena, como por exemplo o assobio que estar presente no começo do espetáculo que significa que alguém está chegando pois, minha mãe sempre assobia quando estar chegando em casa, então levamos pra cena pois, é comum em Maués-AM assobia quando você chega em casa.

Com o processo mais maduro eu ainda tinha uma dificuldade com a qualidade de estar presente em cena, foi então que convidamos outra artista para ajudar a continuar com o processo, a chegada da atriz e provocadora corporal Viviane Palandi¹⁰ foi reconfortante pela pessoa que ela é e por seu trabalho sensível de

⁹ **A Lei Federal nº 14.017/2020, conhecida como Lei Aldir Blanc (LAB)**, estabelece uma série de medidas emergências para o setor cultural e criativo, fortemente impactado pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19). Informações contidas no site <https://www.transparenciacultura.sp.gov.br/leidir-blanc/>.

¹⁰ Viviane Palandi, atriz e provocadora corporal, licenciada em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas, pesquisadora no Instituto de Pesquisa Tabihuni e mestranda pela Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH – UEA.

escuta, ela tinha a missão de me ajudar a colocar as vivências para fora, um mergulho para emergir sem armadura, apenas com o essencial, um “salto no vazio”.

Imagem 10: ensaio do espetáculo “Eu quero ser o rio”, com a provocadora corporal Viviane Palandi.



Fonte: Raiana Prestes

“Eu quero ser o rio” é uma metáfora sobre fazer parte de um todo, ser o rio é entender que posso ocupar lugares, encher e depois ser vazio. Falei do meu processo até chegar no "eu quero ser o rio" para falar de um corpo que busca integrar as experiências de vida com a prática/ação. Sei que o teatro questiona quem somos, desconstruindo e construindo, esse foi o momento para repensar toda essa trajetória e olhar para mim. Como disse anteriormente esse trabalho é como voltar pra casa, mas sem a casa existir fisicamente, antes isso me movimentava a querer de volta à casa, mas agora entendo que ela existe na minha memória, então vive em mim, sou a casa que quero voltar.

Imagem 11: Apresentação do espetáculo “Eu quero ser o rio”



Fonte: Raiana Prestes

“Eu quero ser o rio” fez eu perceber que precisava ser a própria experiência, transparecer minhas vivências, sentir o prazer de fazer uma tarefa simples. Agora estou voltando pra casa, minha busca pela verdade, sinto como estivesse emergindo, me desfazendo de tudo que seja superficial, apenas para observar o que me cerca, estou voltando pra casa. Estando aqui em Manaus-AM encontrei outros artistas que também estavam na busca de reconhecer suas identidades como artistas amazonenses e me questiono, até onde a sua busca para melhorar nossas capacidades pode falar sobre quem somos, percebo o quanto é importante vagar pelas experiências para se descobrir e eu não precisei ir longe para me reconhecer. O Corpo Rio é a metáfora sobre quem sou, o que busco através da arte e isso é um processo em movimento a cada experiência, somando mais vivências tornando mais eu.

Imagem 12: Cena do espetáculo “Eu quero ser o rio” na comunidade Maués Mirim



Fonte: Raiana Prestes

O espetáculo “Eu quero ser o rio” no ano de 2022 foi contemplado pelo prêmio Amazonas Criativo, do Governo do Estado do Amazonas, através da Secretaria de Cultura e Economia Criativa uma circulação por três comunidades próximas de Maués – AM: Vera Cruz, São José do Rio Maués Mirim e Santa Maria do Curuçá; a sensação de voltar para minhas origens com uma obra que nasceu a partir dela, foi incrível a sensação de apresentar em casa e quando penso em colocar em palavras como sinto esse processo muitas palavras caem na minha cabeça como uma chuva, para dar sentido a isso que vivenciei, as escrevi aqui.

RECONHECER RITMO FRAGILIDADE
VIDA RIO
EXISTIR MERGULHAR
AFETO
LUGAR PASSADO
PRESENTE
PESSOAS MORTE
CASA SENTIDO
SENTIR
FORÇA
EU QUERO SER O RIO
TEMPO CICLOS
SER
CUIDADO
RESPEITO
SENTIR COMEÇO
PELE
CORPO
FIM MEMÓRIA

O RIO ENCONTRO: EU SOU O RIO

Não importa da onde começo, porque para lá sempre voltarei.
Parmênides

Imagem 12: Apresentação “Eu quero ser o rio” na comunidade Vera Cruz.



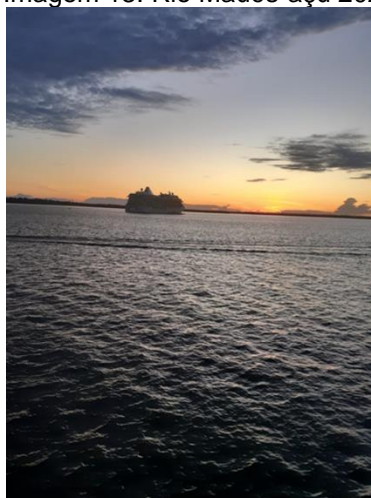
Fonte: Raiana Prestes

O Rio Encontro vem de outros lugares e seres, que não existe o eu sem o outro, essa consciência faz esse rio ir de encontro ao novo. Com as apresentações do espetáculo “Eu quero ser o rio” nas comunidades próximas de Maués-AM, novamente penso o que mudou, e agora não tenho mais que me cobrir de coisas externas, tenho que apenas ser, minha verdade, tão sincero como o desejo do curumim de brincar no rio. Não estou negando o mundo apenas reconhecendo o meu lugar, quero vivências e que os diferentes processos possam me mostrar, o quanto ainda posso aprender, pois o que mais me dá segurança de me jogar nessa aventura é entender que tem o rio para voltar.

O meu olhar singular sobre minha poética em relação com o "Corpo Rio"; um corpo que mergulha em si e aprende a lidar consigo mesmo. Essa pesquisa vai de encontro de novos rios mas ainda não sei quais são então reconhecer os rios que passaram por mim e que foram importante como a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), com seus professores, alunos e artistas que me fizeram reconhecer minha poética, como também cada artista fora da UEA e que são de outros estado do Brasil, os amigos e artistas da minha cidade Maués-AM que consegui ter uma troca, um aprendizado. Não vou colocar nomes, porque são muitos, agora principalmente o rio que fui criado, minha família e aqueles que não estão mais presentes nesse mundo

como meu bisavô que apesar de nunca ter o conhecido carrego com orgulho o seu nome e meu pai Heraldo Santos. Agora me sinto consciente e orgulhoso das minhas vivências, elas para sempre serão minhas raízes, sinto que ter mergulhado nas minhas vivências me desfaço do que não é necessário, mas quando me desfaço o que eu encontro? Todo processo de entender a minha identidade vai ao encontro de novas experiências para entender o que é mais genuíno, o início, o que me move, a vontade de ser o rio. A partir disso entendo meu lugar, a metáfora da minha identidade “Eu Sou o Rio”.

Imagem 13: Rio Maués-açu 2022



Fonte: Herberth Virginio

E para finalizar trago uma poesia de um grande amigo, o Prof. Max Barros que simplifica toda essa trajetória

O Rio dos Palcos

Apesar de uma juvenil
Caminhada, demonstrando
Toda garra, de curumim
Me motivou a escrever
Certas palavras, observando
De minha singela janela

Vi o arrojo do jovem
a enfrentar os rios e igarapés
Tortos e encantados

O belo rapaz se lançou
Feroz determinado
Com suas raízes preservadas

Um surpreendente talento
das raízes do guaraná
Navegou para o palco do maná

Enfrentou o desconhecido
Seguiu o fluxo do rio
Desabrochando para o mar

Nos envaidece, e motiva
Vale a pena navegar
Sobre as brumas do rio

Vale a pena acreditar
Falando através de seu corpo
Enfrentando os desafios

Narras as belezas naturais
Narra com notoriedade
As infinitas tensões e aflições

Mas narras o amor
A cultura popular
Narras o sangue da selva

És o artista do povo que clama por igualdade
Mesmo arrodado do Verde
Levamos no peito a luta contra fealdade

Tua destreza e valentia do guerreiro
Povo da selva, Sateré
Parido de um grande amor

Falais ao mundo desse
Povo de Tupana
Povo rico e belo das Cabanas

CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO

Penso que com o tempo vou conseguir aumentar minhas referências bibliográficas desse artigo; não é o fim, é apenas o lembrete que preciso amadurecer para a vida como um profissional do teatro, e essa pesquisa ainda vai continuar porque a reflexão é intrinsicamente um fluxo contínuo como o rio. Espero reconhecer novas possibilidades e muito provavelmente erros pois, é normal em qualquer processo, sei que ainda falta um longo caminho pra ser percorrido como estudante de teatro e como

artista independente, mas sou agradecido por conseguir emancipar minhas vivências e com isso dar novos passos pensando como seria uma pesquisa que mescla experiências vividas com consciência/presença como próximo passo da minha investigação. Buscando cuidar melhor do nosso corpo como um todo, pensamento, prática e bem-estar. Agora mais do que nunca entendo onde é meu lugar, e os caminhos que quero percorrer, e sei que as falhas são apenas minha responsabilidade e se conseguir chegar até aqui foi porque tinha outras pessoas me ajudando como a terra que sustenta o Rio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGART, Anne. **A preparação do diretor**: sete ensaios sobre arte e teatro. Tradução Anna Viana: São Paulo; Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRAGA, Adriana. **A consciência corporal no âmbito da relação "corpo e voz"**. Salvador; ANPPOM, 2008.

FORTIN, Sylvie. **Contribuições possíveis da etnografia e a da auto etnografia para pesquisa na prática artística**. Tradução. Helena Mello, S. 2010.

SENA, Rômulo. **Antologia**: filhos de maués. Maués; Casa do Escritor, 2021.

SOARES, Taciano Araripe. **Bio narrativas cênicas**: Dispositivos de comoção em obras do Ateliê 23. 2021.